



reencontrar
em busca do eu perdido

claudio rozante

Reencontros em busca do eu perdido

Índice

Prólogo - Refluxo	7
Parte 1 - Definições	17
1.1 - Suicídio	18
1.2 - Independência.....	24
1.3 - Ano Novo	33
1.4 - Demolição	38
1.5 - Primeira Partida.....	42
1.6 - Recarga	45
Parte 2 - A Primeira Jornada	49
2.1 - Dualidades	50
2.2 - Estação Abandonada.....	54
2.3 - Porta dos Céus	59
2.4 - Sítio do Arco.....	70
2.5 - De volta à Terra	79
Parte 3 - O Mergulho Real	89
3.1 - Classes e Igualdades	90
3.2 - Social Solitário	100
3.3 - Intuição.....	110
3.4 - Sincronismos.....	121
3.5 - Paixões.....	131
3.6 - Fugas	140
3.7 - Instintos.....	147
3.8 - Frequências Extremas.....	157
3.9 - Falência	173
3.10 - Resgates	186
3.11 - Reflexos	195
3.12 - Propósitos.....	202
3.13 - Impasse.....	213
3.14 - Ruptura	221
Parte 4 - Pandemia	227
4.1 - Estrada de Pedras.....	228
4.2 - Movimentos de Cura.....	236
4.3 - Reencontros.....	243
4.4 - Despedida.....	250

Apresentação

Sempre escrevi muito, em blogs, cadernos, textos publicados ou guardados em segredo. Ter esse primeiro livro publicado significa muito para mim, ainda mais por ser a síntese de uma passagem de minha vida que me é muito importante.

Embora seja uma obra de ficção, quase todas as passagens são baseadas em vivências reais de minha vida nômade. Os fatos são remodelados para criar uma narrativa dentro dos propósitos da obra.

A ideia é trazer a você uma mensagem de superação e espiritualidade, dando margens para que se fortaleça, se encorajem e se reencontre com suas essências, sejam elas quais forem.

Muito obrigado novamente pelo carinho e interesse em acompanhar o meu trabalho.

Lhe estimo muito por isso!
Boa leitura

Claudio Rozante
(dez - 2022)

Dedicado à minha mãe Suely e meu pai Onésimo Rozante.
As melhores pessoa do mundo, que me fizeram ser quem eu sou
e me deram respaldo para poder viver todos esses aprendizados.
Eu amo vocês. Obrigado!

Prólogo - Refluxo

Olá, Janaína.

Fiquei bem abalado com o áudio que me enviou ontem e nem consegui responder. Respondo agora, por esse e-mail e espero que ele te abra um pouco a mente para algumas coisas.

Penso que você poderia ter dito antes o que você disse. A frase derradeira que me fez inverter todo o sentimento de carinho e compreensão que tenho por você.

Eu sei, vai passar, como tudo passa para mim. Eu não guardo rancor de ninguém, e daqui a pouco estarei sorrindo novamente para você pois eu lhe enxergo. Eu consigo enxergar tudo o que você vive, sei quem é você e entendo perfeitamente por que faz o que faz comigo.

Consigo enxergar inclusive por que você agiu assim. Culpa minha. Dessa vez sim, talvez. Talvez eu passei mesmo dos limites de suas capacidades. Talvez passei do ponto correndo atrás de você durante esses dois meses desde que terminamos, sem dar o tempo e espaço que você me pedia. É como querer acordar um urso feroz que hiberna. E insistir que ele acorde para te dar um abraço. Certamente você vai levar uma patada e voar longe.

Eu passei dos limites e faltei com o respeito. Compreendo. Você me deu uma patada e eu estou voando para longe. Mas a patada, a frase derradeira dita por você, foi quando você disse que olha para trás e vê que eu só te prejudiquei durante esses três anos de namoro, e por isso você não quer convivência comigo.

Eu volto e re-escuto o seu áudio toda hora para lhe escrever esse e-mail pois eu preciso vomitar tudo o que guardei aqui durante esses três anos. Você me conhece e sabe dessa minha característica passiva, de sempre tentar compreender. Eu engulo, engulo, engulo, compreendo, aceito, mas sempre tem o pingão d'água que me faz transbordar. E se eu fosse você, pararia de ler esse e-mail aqui, pois embora creia que te fará bem, você definitivamente não tem maturidade para ler as próximas linhas.

Primeiramente, eu vou lhe dizer que você foi uma fraude. Eu te amo, de verdade, mas você não é de fato como se apresenta. Você é pouco evoluída em tudo e tenta ser perfeita para esconder suas

imperfeições. Enfim, tudo o que eu admirava em você, de repente eu percebi que não existia.

Eu até cheguei a comentar com você um episódio que é uma ótima analogia a isso, quando minha mãe me questionou sobre cruzar os talheres depois de comer. “Agora eu não sei mais se deve cruzar. Por que a Jana é tão fina, educada e culta, e ela mesmo não cruza”. É um exemplo bem fútil eu sei, mas explicita muito bem o quanto você tem que aprender do Universo que quer fazer parte. Eu não ligo para essas besteiras de etiqueta, mas você liga. Você me cobrava muita coisa nesse aspecto e sequer fazia o básico, como cruzar os talheres depois de comer.

Quando eu te conheci, eu tinha uma vida que embora estivesse um tanto complicada, estava nos eixos. Sempre tive uma autoestima baixa, confesso, mas eu controlava isso pois sentia que era querido pelas outras pessoas. Eu as via e sentia que era admirado de alguma forma. Eu tinha orgulho do meu trabalho de fotógrafo, dos meus desenhos, dos meus textos e meus pensamentos, e eles me rendiam muitas coisas boas, inclusive dinheiro e bens. Eu tinha um bom padrão de vida. Eu era um ser espiritualizado, sabia qual era meu papel aqui. Tinha fés bem embasadas em meus estudos e minha própria evolução.

E você vem me dizer no seu áudio que ao olhar para trás vê o quanto eu te prejudiquei? Então vamos fazer um exercício e vamos olhar para trás juntos.

Você percebe que sentimento me causou ao ter me escondido como você me escondeu de sua família perfeita? Durante três ou quatro meses que eu ia à sua casa como um cachorro sujo, por baixo dos panos, apenas quando não tinha ninguém por lá, por que sua mãe não me aceitaria na sala assepsiada de sua casa perfeita.

Você sempre reclamou de meu cabelo, minha barba, meu brinco, minha camisa aberta. Você dizia gostar tanto de mim, mas na verdade você queria me transformar em uma pessoa que eu nunca fui. E até estaria tudo bem se isso fosse apenas sugestão, mas você se impunha e eu obedecia.

Eu me volto ao seu áudio quando você diz que o que eu penso ou deixo de pensar, você não precisa concordar porque você não quer. Agora é assim então: o respeito deve existir porque agora o respeito

tem a ver com o que você pensa. Mas quando falávamos no que eu ou o outro pensava, aí o que prevalecia era sempre a sua sentença.

Eu parei de trabalhar com modelos, eu parei de expor meus trabalhos fotográficos nas redes sociais. Cessei minha principal fonte de renda achando que a culpa era minha ou do mercado fotográfico banalizado. E você vem me dizer que ao olhar para trás vê o quanto eu te prejudiquei?

Você acabou com a minha vida, Janaína. Querendo que eu me transformasse no que você julga ser ideal para você. E quando eu disse que queria te ver, tomar um café, bater um papo, é porque eu, mesmo tendo visto o quanto você me prejudicou nesses três anos (e não o contrário), eu estive empático contigo, percebendo claramente por que você agiu assim comigo (e com todos ao seu redor).

Você é uma pessoa estudada, Janaína. Para de ser covarde e encare seus traumas de frente. Aceite e entenda sua aversão e suas dores. Enxergue e aceite que você vive tentando passar uma imagem de boa moça para sociedade em que vive pois é um jeito de esconder tudo o que te aflige.

Você não é nem nunca foi o macho alfa de nenhuma relação como costumava brincar sobre mim nas rodas de amigos. Você não precisa tomar essa posição. Relaxa! Você não vai sofrer o que sua mãe sofreu. Se permita ser conduzida. Seus namorados não devem ser os canalhas que seu pai foi nem você precisa se vingar deles agindo como sua mãe agiu.

Eu não sou canalha, eu nunca fui canalha como você me via. Eu vivi algo quando eu era criança que construiu um caráter em mim que me impede de ter qualquer comportamento canalha com uma mulher.

Eu sempre lhe fui fiel e transparente em todos os meus sentimentos, desde o início. Desde quando nos conhecemos naquele aplicativo de namoro e eu lhe disse que não estava afim de você para ter um relacionamento sério. E mesmo assim você me convidou para ir na sua casa jantar com aquele casal de amigos, e por eu ter aceitado, talvez você fantasiou nosso relacionamento. Eu fui sincero com você naquele momento e em todos os outros momentos durante esses 3 anos de nosso relacionamento.

Eu fui sincero com você no momento em que você se tornou mais leve e eu passei a te admirar e acabei me apaixonando. Te admirei só a partir daquele momento que eu lhe disse, pois antes disso, eu via apenas uma pessoa desesperada, correndo atrás de um homem para suprir o término de um relacionamento anterior. E eu compreendo que você tenha se apaixonado por mim, pois hoje eu enxergo novamente todas as minhas qualidades. Enxergo a pessoa apaixonante que eu sou. Sim, eu sou apaixonante. Você sabe!

A sinceridade do colo, do beijo, das palavras, dos elogios e do 'não' que lhe foi dito! E depois, a sinceridade do 'sim', de admitir que naquele momento eu estava pronto, e você estava pronta. A sinceridade de admitir que naquele momento eu lhe queria.

E então depois, a paciência empática em esperar você resolver seus dilemas. A angústia do tempo em que você resolvia se voltava com seu ex milionário ou ficava com um pé rapado, cão sarnento, publicitário falido e fotógrafo de modelos fúteis. Quanto tempo foi mesmo? Eu te respondo. Foi três meses. Da sua decisão, ao seu luto, à sua entrega e nosso próximo primeiro beijo como namorados.

Você consegue perceber o que isso tudo causa na cabeça de uma pessoa com meu histórico? Creio que não, né!? Por que você não consegue olhar além do próprio umbigo em um relacionamento. E é muito mais fácil para você despejar em mim todas as culpas por nosso namoro e nossas vidas terem afundado assim. Mas a frase "O quanto eu te prejudiquei", hoje me soa até cômico.

Até nesse momento, eu apenas fui sincero com você. Eu admito meus erros. Eu admito os meus traumas. Admito a dificuldade que eu tenho por exemplo em receber um carinho, um elogio, um presente. E enxergo o quanto eu fui babaca em negar todos os seus presentes, todos os seus cuidados. Já te disse isso.

Mas pensar que eu fui um babaca, é um direito meu apenas. Você não tem o direito de me julgar por isso, mesmo por que, e principalmente por que, você é uma pessoa estudada, madura e se diz empática. Então deve entender as dores alheias. Você conhece minha história.

Eu não negava seus presentes porque eram ruins, mas porque eu não conseguia aceitar nenhum agrado que me chegasse. Eu sequer gosto de fazer aniversário, lembra? Os porquês, eu estou

trabalhando ainda. E posso te dizer que evolui muito nesse aspecto, mas não te interessa mais...

O que te interessava, era o que você pensava e achava, como sendo a única verdade do mundo. E a maior falta de respeito que alguém pode ter com outro é impor suas verdades, ideias e vontades. Sim, eu reconheço isso, e reconheço que fiz isso nos últimos 2 meses correndo atrás de você. Até ontem.

E aí mora mais uma de nossos diferenças: Eu sou digno de reconhecer meus erros e assumi-los. Não te culparei pela sua última mensagem de áudio de ontem, cruel e ignorante. Mesmo porque, essa mensagem foi até muito útil, como um antiácido que você toma e te faz vomitar tudo o que estava te fazendo mal. Eu não estava percebendo. Eu não conseguia enxergar porque estava tão mal. Enfim, estou vomitando tudo isso e não acabou. Tem muito mais, sobre outros assuntos.

Eu sou homem, Janaína. O machismo me pega e maltrata a mim também por tudo o que a sociedade me cobra. E quando você chegou, eu já me encontrava em um estado depressivo com pouca libido. E se ela já estava ruim quando você chegou, imagina depois de ser julgado e condenado como você me fez? Hoje eu lembro de uma noite em sua casa, que você falou um monte por eu não querer transar com você. Eu tive que voltar para conversar a respeito. Depois de te abraçar, dizer que não era culpa sua e novamente assumir tudo para mim. Mas você não percebia que a culpa era sua sim. Que quanto mais me pressionava e despejava a culpa em mim, mais prejudicava a situação. Carregar a culpa por não estar afim de transar é a morte para um homem na sociedade machista que vivemos. E toda sua vontade irracional só colocou tudo a perder. Você nunca me respeitou nesse sentido e queria que eu fosse como um brinquedo que liga e desliga quando você quer.

Relembrar essas coisas me dá até um sentimento ruim. Tantas lembranças de episódios tão deprimentes. E eu me culpei, invés de depositar a culpa onde ela deveria estar: Em você! Você me prejudicou!

Então, voltando ao meu trabalho, ele é lindo, é profissional, cheio de meticulosidades que valem ouro. Algumas modelos podem ser fúteis sim e pagar pouco, mas você sabe bem que eu nem faço por dinheiro. Faço por paixão, que acabou! Você me fez perder a paixão pelo meu trabalho. E eu achei que era a crise e banalização do

mercado. Eu deixei de prospectar novos modelos, eu deixei de admirar todo o império que eu construí, deixei de expor minhas fotos e por isso comecei a acreditar que eu estava ultrapassado, que aquilo não daria mais frutos para mim.

Quantas crises eu já passei e levantei. Mas dessa vez não, por que você me abafou. Você dizia sempre para eu sair desse meio, pois haviam pessoas sujas e dar errado era o que se esperava 'dessas pessoas'. Como isso soa irônico hoje. A decadência de meu trabalho foi você quem cavou. Novamente, foi você quem me prejudicou.

Mas meus trabalhos de publicidade, que talvez lhe daria um pouco mais de orgulho, você não permitia também. E quando eu te mostrava meus trabalhos, você sempre tinha uma crítica sobre. Raras vezes uma sugestão, mas a maioria das vezes era uma crítica. E teimava com suas ideias de estratégias e meu conhecimento em marketing e publicidade, esquecendo e me fazendo esquecer de minha faculdade e dos meus 22 anos de estudos e experiência.

Como naquele episódio da loja de sua amiga. Teria sido muito bom ter tido seu apoio, mas você preferiu dizer que eu não sabia de nada e que 'naquele ramo' as coisas acontecem daquele seu jeito equivocado. Como se eu nunca, nesses 22 anos tivesse trabalhado e estudado a publicidade do ramo. Além de sua imparcialidade no caso da Melissa, tipo "deixa ele, tadinho". Ou aquela outra vez quando sua amiga Cíntia mostrou o logotipo horrível que o namorado dela desenhou, sem conhecimento nenhum e você me solta "olha que logotipo lindo o namorado da Cíntia fez sozinho"...

Mas o pior foi com a loja de biquínis, sem dúvida sua ideia foi bem bacana, e aprovada pelo cliente. Mas para um profissional que está desmotivado, passando por uma crise, cheio de problemas psicológicos para resolver, seria muito legal ter ouvido um elogio. Mas você só foi capaz de se auto elogiar, se exaltar, que a ideia genial havia sido sua! Esqueceu de lembrar que a ideia foi sua, mas fui eu quem desenhei, escolhi cores, tipo de letras e tudo mais.

E no social, quero lembrar que você me negou inúmeras vezes. Você me abandonou outras inúmeras vezes, sempre alegando que era eu quem não estava fazendo o que você queria. Sem se importar com meus limites, físicos, psicológicos, e então financeiros.

Sua total falta de parceria quando, por exemplo, viajou sozinha. Suas idas sozinha a eventos que eu não havia sido convidado, e outros que depois você diz “olha, você pode ir sim, tá?”, e eu tinha que mudar todos os meus planos para ir com você, abanando o rabinho e fingindo estar tudo bem. Na boa, eu jamais iria, como jamais fui em um evento em que minha namorada não pudesse ir. Se ela não pode ir comigo, eu não vou. E eu não viajaria sem ela, eu não iria a um churrasco da empresa sem ela. Simplesmente não, no nosso ou em outros relacionamentos. Você era minha companheira, e eu sempre priorizei a sua companhia.

E para fechar com chave de ouro a sua pobreza de espírito, temos o belo episódio com o perfil falso que você criou nas redes sociais! Que merda foi aquela!? E como eu posso me culpar por isso?

Eu nunca lhe trai, eu nunca fiquei com outra menina durante todo esse tempo contigo. Eu omiti um fato insignificante de meu passado sim, para te poupar. Primeiro por que era insignificante, não teve representatividade nenhuma em minha vida, e segundo que não havia por que criar em ti mais insegurança com uma pessoa que não valia a pena. Agora sim, eu admito que sim, eu fui um babaca em mandar aquela mensagem besta e infantil para aquela pessoa. Mas não ia mudar absolutamente nada em nossa relação. Mesmo por que, já estava tudo bagunçado. Nosso relacionamento já estava destruído porque você mesma trabalhou para destruí-lo, desde o início, por tudo o que venho escrevendo neste e-mail.

Mas eu queria evoluir mais, queria ser uma pessoa melhor. Reconheci tudo o que me cabia e assumi culpas quem nem eram minhas só para te fazer melhor.

Desde aquele dia em que você pegou meu celular e viu minha mensagem babaca para ela, Janaína. Desde aquele dia eu venho fazendo de tudo para te fazer feliz, para ter você de volta. Me anulando ainda mais, para fazer suas vontades. Quantos convites te fiz, quantos ‘nãos’ eu recebi, e quantos ‘nãos’ eu quis te dar, mas não te dei. Assisti filmes que não queria, fui a encontros que nem podia, te abracei, te presenteei, transei com você sem ter vontade, e não reclamo, porque foi até bom! Eu estava caminhando para fazer as coisas darem certo. Tentei te mostrar, te chamei mil vezes para voltar. Você não fez um movimento a favor. Muito pelo contrário.

Você só se focou em suas inseguranças e o quanto você precisava ficar segura para voltar a ficar comigo. Não enxergou que eu

também estava inseguro e também precisava de algo. Não enxergou meus esforços, não enxergou meu momento, minha doença, as minhas inseguranças. Foi só você! E ao invés de retribuir o abraço que eu estava te dando, pedindo para me assumir novamente, estar de volta comigo, o que você estava fazendo? Criando um perfil falso nas redes sociais, para me enganar, para ser a cereja do bolo podre de todos os seus erros, para que se parecessem meus.

Percebi que você nem conta isso para pessoas do seu lado pois sabe o quanto foi deprimente. O quanto foi infantil e inaceitável para uma mulher de 35 anos fazer uma coisa dessas.

E eu repito, por tudo o que sei que sou, por minha índole e fidelidade que sempre tive a ti, mesmo sem você merecer, que eu jamais ficaria com outra pessoa estando com você. Até por que, era você, você leu tudo! Você sabe o que eu conversei com aquele perfil falso. Você sabe que em nenhum momento eu te excluí ou omiti sua existência. Eu disse que estava num relacionamento complicado, que não sabia o que queria, que precisava resolver. Nada disso era mentira. E eu queria sim conhecê-la pessoalmente, pois se ela fosse realmente melhor do que você era, como parecia ser, eu iria terminar contigo para tentar algo com ela. Mas jamais teria algo com ela antes de terminar o namoro.

Ela era você! Não ia ter troca. Pensa o quanto tudo isso foi ridículo. Se você tentasse ser melhor como estava sendo sob sua fantasia de perfil fake, iria me reconquistar, como o perfil fake estava me conquistando. Como sua estratégia foi medíocre e egoísta, só para você inculcar uma culpa em mim e conseguir terminar por cima. Para fingir para si mesma que eu fui o escroto e cafajeste que trai a namorada.

Não, Janaina. Não mesmo. Eu tenho assumido esse erro até hoje, mas esse erro não foi meu. Eu nunca traí uma namorada e não iria te trair. Meu último e talvez meu único erro foi ter mandado aquela mensagem para a menina. Depois disso eu me redimi a todos eles, e tentei ser cada vez melhor para você. Foi você que ferrou com tudo. E hoje eu sei porquê.

Ao ver que eu estava tentando ser melhor, me cuidando, te chamando para voltar, me redimindo de meus defeitos, seria a hora de você assumir os seus. Eu lhe faria olhar para os seus defeitos, mas você não consegue olhar.

Além disso, ao me tornar um homem ideal, eu deixo de representar a figura de macho escroto que você busca em seus relacionamentos, onde você pode se mostrar superior, do camarote de sua casa de luxo, com sua prepotência disfarçada de boas intenções.

Quando você percebeu que eu estava atendendo aos seus pedidos, e te pedindo reciprocidade em troca, você espanou, e criou uma personagem para dar tudo isso que eu pedia em troca, portanto sem dar o braço a torcer, me fazendo ter a culpa do termino de nosso namoro. Jogada de mestre. Eu assumi essa culpa! Muito mais do que me cabia.

Por isso eu passei todos esses dois meses rastejando atrás de você. Implorando que me perdoasse, que me enxergasse e que visse em mim algo que nem eu mesmo estava vendo.

Que bom que mandou aquele áudio ignorante ontem. Que me faz perceber quem você é exatamente. Uma criança mimada por todos, perturbada, cheia de traumas a serem resolvidos, e que como não consegue lidar com os próprios traumas, cria artifícios para fazer com que todas as pessoas ao seu redor pareçam inferiores.

Eu te amo ainda. As pessoas te amam como você é. Você não tem essa necessidade de ser a perfeitinha, de ser a melhor em tudo, limpa, esterilizada. Esse comportamento, essa sua personalidade, é isso que lhe prejudica, foi isso que lhe prejudicou, e é isso que vai continuar lhe prejudicando. Não sou eu, nem fui eu.

Presta atenção no castelinho que você vive, Janaína. Assuma todas as imperfeições dele. Veja o quanto de coisa errada tem ao seu redor, no seu meio social, nos seus relacionamentos familiares. Nas suas amigas que só te lambem e não são capazes de te dar um puxão de orelha de vez em quando.

Presta atenção na sua vida até agora, e vai cuidar dela, assumindo seus erros, invés de dizer que eu te prejudiquei. Eu jamais te mandaria a merda pois tenho muito carinho por você. Eu te amo de verdade e por essa razão que vomitei tudo isso. Porque você precisa abrir seus olhos. Talvez não para ser mais feliz, porque a felicidade não é tudo na vida. Mas para ser mais digna de tudo o que o Universo está querendo lhe oferecer. Para evoluir!

Deixa estar, mas respeite para ser respeitada!

A minha parte, eu acabo de assinar, foi feita com louvor e selada com esse e-mail. E eu tenho plena ciência disso.

Agora eu vou cuidar de mim, me reencontrar, e se você virar a cara ou mudar de calçada quando me ver a próxima vez, eu compreenderei pois é exatamente o que eu espero de ti. Porém se você não fizer isso, e houver civilidade num contato visual e um breve 'olá', será uma grata surpresa. Ficarei feliz pois reconhecerei como um aparente início de evolução.

Seja feliz.
Eu serei!

Parte 1

Definições

1.1 Suicídio

Nós estávamos sentados na mesa de jantar...

Sim, eu tinha uma mesa de jantar. Ela era de cano, bem simples, com um tampo de vidro quebrado na quina que reduzia sua utilidade pela metade, sobre o risco de cortar o braço das visitas que por ventura viessem me visitar. Mas nunca vinham. A mesa ficava em minha sala de jantar, em minha casa de 150 metros quadrados aproximadamente. Era uma casa grande, mas bem simples, com móveis baratos e uma mesa de jantar com o vidro quebrado.

Eu conhecia histórias de outras pessoas, sabia das possibilidades, conhecia os sintomas, e questionei “será que quem comete um relacionamento abusivo, sabe que está cometendo?”. Eu dizia isso tentando me incriminar, como se eu fosse culpado de algo, pois ela gritava comigo, como se eu realmente tivesse culpa de tudo o que estava acontecendo.

– Eu estou com problemas aqui. Eu me sinto mal. Está tudo dando errado, me sinto fraco, incapaz. – E Janaína concordava com tudo, dizendo que eu escolhi o caminho errado, que eu tinha que cortar o cabelo, comprar roupas novas e me vestir melhor para enfim, parar de fazer tudo o que eu fazia e procurar um emprego qualquer. Eu me sentia feio e com pouca sorte, e ela reforçava esse sentimento e dizia que nem minha cachorra me amava e só estava comigo pois eu a alimentava.

Samanta, minha cachorra, deitada no canto da sala, me olhava com seu olhar baixo, e eu não conseguia entender sua expressão de Golden Retriever. Naquele momento, me parecia que ela dizia para lhe dar mais ração, se não ela iria embora.

Um dia ela foi embora. Não a Samanta... Janaína, minha namorada foi embora! E quando eu percebi que ela nunca mais iria voltar, eu mudei aquela mesa de lugar. Na verdade, a mesa ficou no mesmo lugar, mas eu deixei ela meio torta em relação ao resto da sala. Me dava mais espaços nas laterais, deixava a ponta quebrada num lugar seguro, embora parecesse assimétrica e desarrumada.

Talvez eu quisesse que parecesse mesmo, como um sinal de rebeldia, de mostrar que aquilo tudo era meu e eu faria e deixaria do jeito que eu quisesse, como nunca pude deixar, pois sempre era alvo das críticas e reclamações de minha namorada.

Eu queria mostrar que estava livre, que era um artista e sabia criar. Mas mostrar para quem?

Meus amigos não vinham muito em casa, nem Sarah, minha irmã adotiva, em três anos, nunca foi em casa. Ela era filha de amigos de meus pais, que sem condições de cuida-la, foi dada a eles quando tinha 3 anos, logo depois de eu nascer. Crescemos juntos sob o mesmo teto, então eu sempre a vi como irmã de verdade. Mais do que isso, pensava nela como minha melhor amiga. E mesmo que tenhamos perdido um pouco o contato em algum momento, eu a considerava uma das pessoas mais importante de minha vida.

Quando Janaína foi embora, ninguém além de mim e Samanta frequentava aquela casa de móveis tortos e confesso que isso foi bom no começo. Eu saía do banho, ligava o abajur com a luz amarelada no canto da sala, pegava um uísque, um livro, acendia um charuto e passava as noites assim. Lendo e bebendo, deitado no sofá.

Nos primeiros finais de semana eu consegui sobreviver bem. Mas chegou um momento que eu precisei de mais uma dose, e outra. E então enviava mensagens embriagadas para ela, declarando minha saudade, pedindo desculpas, implorando para voltar, atestando meu fracasso.

Eu me curvava sobre o sofá e chorava. Pensava em pedir ajuda para alguém mas não vinha ninguém a mente. Ninguém nunca esteve disponível ou ao menos não pareceram estar. Então uma noite, chamei Sarah, supliquei ajuda, mas ela disse que o namorado dela não gostava de mim e por isso, não poderia ir. Era a pessoa mais importante de minha vida depois de minha ex-namorada, e sua frieza refletiu como se todas as outras pessoas de minha vida fossem assim.

Naquele mesmo dia, Janaína me mandou uma mensagem de texto solicitando que eu deletasse todas as fotos nossas de minhas redes sociais.

Em um primeiro momento, eu fiquei muito irritado. Me deu raiva dela. Parecia que ela estava querendo apagar tudo o que vivi naquele tempo. Pensei até em ser grosseiro e não deletar nada. Meu cérebro gritava "é minha vida também e por que tem que ser sempre do jeito dela?". Mas eu tinha algo maior dentro de mim, então respirei fundo, e como prova de minha lealdade a ela, eu o fiz.

A minha lealdade a ela era bem maior do que ela imaginava. Aliás, inclusive, ela sempre me acusava de não ser leal. E eu acreditava nisso. Só depois percebi que minha lealdade era maior até do que eu mesmo podia imaginar. E por isso me acalmei, pensava que estava tudo bem deletar as fotos, pois nossa história não havia acabado ainda.

Ela havia me bloqueado de todos os meios digitais. Não conseguia enviar mensagens, e-mails, nem ver nada sobre ela. Era horrível não ter notícias. Aquelas fotos eram os últimos resquícios. Eu não acreditava que isso de bloquear em tudo funcionava. Porque, embora não a via em nenhum lugar virtual, não parava de pensar nela. E se ela queria me evitar, criava o efeito oposto, pois sem saber de sua vida pela internet, eu a buscava no mundo real.

O caminho para minha casa já não era o mais curto. Eu dava uma volta enorme só para passar na frente de seu prédio, embaixo da janela de seu quarto. Queria ter notícias e mesmo que a imagem continuasse sempre igual, luzes apagadas e uma pequena fresta, eu revisitava o lugar a toda hora, refazia seus trajetos, procurava estar onde ela costumava estar quando namorávamos, mas nunca a via em nenhum lugar.

O único lugar que eu a via, era na pequena foto de perfil de uma rede social, ao lado do aviso que o perfil não estava disponível, demonstrando que eu havia sido bloqueado. Eu a achava linda naquela foto. Ficava olhando aquela fotinho pequenininha, como se fosse a coisa mais valiosa que tivesse, a única coisa, até adormecer, dia após dia, me segurando em uma pseudo sanidade.

Na troca de mensagens sobre deletar ou não as fotos de minha rede social, Janaína foi muito ríspida e respondeu dizendo que faria uma medida protetiva caso eu não deletasse e continuasse a persegui-la. Será que ela me via passando nos lugares?

Mas nunca foi perseguição, ou pelo menos não era uma perseguição de um jeito ruim. Foi meu pai quem me ensinou que eu devia correr

atrás do que queria, do que me fizesse sentir vivo. Talvez isso foi uma das únicas coisas que ele me ensinou. Na verdade, eu acho que não, mas era a única coisa que eu me lembrava naquele momento. Pelo visto, eu havia esquecido de outros ensinamentos importantes. Esqueci que o respeito vinha antes disso tudo, e eu não tinha mais o que fazer.

Dias se passavam e cada domingo era como um Réveillon, melancólico, depressivo e cheio de esperanças que se dissolviam no dia seguinte. Tudo seguia igual. Só as contas aumentavam, e o padrão de vida que eu tinha antes, ia minguando. Meu limite de quinze mil do cartão de crédito quase todo preenchido por boletos atrasados, já não correspondia à minha realidade financeira.

Juros sobre juros, mágoas sobre mágoas, e eu sozinho me perguntava o que fui fazer de minha vida. Como fui errar tanto? Por que ninguém viu e me alertou? Por que essa sensação de ter caminhado sozinho por esses 40 anos?

Só não me sentia mais invisível pois Samanta me via. Me olhava serena, sentindo minha alma angustiada e ficava colada em mim, mais do que o normal. Talvez só para ganhar sua porção de razão. Talvez...

Procurava olhar para trás, para encontrar o momento em que tudo desandou. Voltava meus pensamentos lá para o começo de tudo, quando eu era uma criança numa pequena cidade do interior de São Paulo.

Naquela época eu já era um tanto solitário. Tinha apenas um ou dois amigos com quem eu me sentia bem. As outras crianças pareciam se afastar de mim por algum motivo. Ou eu me afastava delas. Queria lembrar.

O que eu me lembro, é que tinha uma pequena turma, de uns 6 garotos, e minha casa era a mais distante das outras. Quando saíamos de noite, para fazer coisas erradas, tipo pixar muros ou colocar bombinhas em interfones, a turma ia se dissolvendo em esquinas, para cada um tomar o caminho de sua casa, e no final, era sempre eu caminhando sozinho para minha casa.

Era uma estrada de terra, com poucos postes que deixavam a rua um tanto escura. Minha mãe dizia para eu ter cuidado e andar sempre pela luz, mas eu tinha outro raciocínio. Eu acreditava que se

andasse no escuro, nenhum bandido, sequestrador ou monstro noturno me veria antes de eu vê-lo. Eu poderia surpreender invés de ser surpreendido. Então eu desobedecia minha mãe.

Até meus quatorze anos, eu fui uma criança estranha andando sozinho pelas sombras da noite. Depois disso, eu me mudei para Ribeirão Preto, uma cidade grande, para fazer colegial em uma escola particular e perdi o contato com todos esses colegas dessa pequena turma.

Fui morar com Sarah que já fazia faculdade por lá e morava num pequeno apartamento que meu pai havia comprado para esse fim. Ela se formou logo depois e voltou para a nossa cidade. Eu morei sozinho desde então. Com dezesseis, eu era o adolescente estranho andando sozinho pelas sombras da noite daquela cidade grande...

A partir daquele momento, era somente eu. Responsável por acordar, estudar, comer e sobreviver. Talvez meus pais se preocupassem, mas eu tinha a necessidade de me esquivar de suas preocupações. Queria saber e conseguir fazer tudo sozinho. Eu fingia que era por medo de perdê-los, dizendo a mim mesmo que sendo independente deles estaria preparado.

Enfim, comecei a trabalhar com fotografia e algumas pessoas também pagavam pelos desenhos que eu fazia. Eu era bom nisso. Entrei na faculdade de publicidade, montei uma pequena agência com amigos de sala, e essa brincadeira rendeu um bom dinheiro na época.

Ninguém sabia quem eu era em Ribeirão Preto, então todos os méritos de meu sucesso eram só meus. Diferente do que pensavam na cidade onde nasci, na qual todas as minhas conquistas eram atribuídas ao sobrenome de meu pai. Isso me incomodava um pouco, e cada vez mais eu me afastava deles para que percebessem que as conquistas eram só minhas. Esse era o real motivo de eu querer ser independente e querer me virar sozinho.

Conquistei tanta coisa, tive tanto dinheiro, tantos luxos, e fui perdendo tudo. E hoje eu não conseguia ver um retorno, não conseguia me imaginar tendo novamente tudo o que eu tive outrora. Era como se eu tivesse descido de um trem em uma estação antes do destino final, e o trem partido sem mim, levando tudo: Meus talentos, minhas capacidades, meus irmãos, meus pais, meus

amigos. Tudo! Só restou a Samanta que por graça, sina ou um pouco de comida, desembarcou comigo.

Eu me levantei, e fui até o computador, pesquisar um jeito. Busquei na internet maneiras de desistir, de encerrar e cancelar meu contrato com o Universo. Achei que cortar o pulso era a maneira mais prática. Era necessário ter água para não deixar o sangue coagular, e no site havia um alerta: “Dói! Dói muito. Arde demais e você tem que aguentar a dor até desmaiar pela hemorragia”.

Eu ainda não tinha essa coragem, eu não era tão foda assim. Não aguentava sequer tomar um banho de água gelada.

Então fui para meu quarto, deitei na minha cama e Samanta entrou atrás. Ela não tinha autorização de entrar no quarto e sabia disso. Mas ignorou minha ordem para sair. Me olhou com piedade e um certo desdém, e deitou no pé da cama. Não era pela razão. Ela não queria saber de comer naquele momento. Ela estava ali por minha causa. E eu poderia dizer que se ainda estava aqui, era por causa dela. Graças a ela.

Naquele momento, eu me dei conta que ela veio para mim. Ela desceu do trem naquela estação para ficar comigo, para cuidar de mim, independente de qualquer coisa. E eu cogitei abandoná-la. Ela sabia!

Eu me levantei, deitei no chão junto a ela, e chorei, chorei muito, até que adormecemos abraçados.

1.2 Independência.

Aquela noite, eu adormeci de tanto chorar, abraçado com Samanta, e sonhei coisas a noite inteira. Não lembro direito o que sonhei. Mas eu vi muitas coisas. Boas e ruins. Parecia que uma batalha feia havia sido travada, me mostrando quem eram exatamente os inimigos. Todos eles. Desde os que rondam a minha família, até sobre meus concorrentes, inimigos, pessoas da família da Janaína. Eu não entendia muito bem o sentido de tudo aquilo, mas sentia que era algo para se guardar, pois eu entenderia algum dia.

O que eu sei é que acordei só no dia seguinte, com uma sensação muito estranha de leveza, de vergonha pelos planos que tinha quando adormeci, e de clareza de visão. Sabe aquela sensação de quando você fica muito tempo com um óculos escuros de cor diferente, e de repente tira os óculos? E então você enxerga as cores verdadeiras de tudo, e a visão da aquele *woooow* no cérebro... Foi mais ou menos isso que senti.

Acordei, segui a minha rotina de sempre, mesmo sem nenhum prazer, e de repente chega uma mensagem:

"tá parado aqui no trabalho, você tem um minutinho para eu te ligar?"

Era Tatiane, uma amiga de infância que fazia muito tempo que eu não falava. Foi através da mãe dela que eu conheci o Kardecismo quando tinha uns 9 anos. Ela quem me levou para tomar o primeiro passe de minha vida num centro espírita. Ela era extremamente espiritualizada, e me ligou, do nada, depois de muitos anos, para papear, para querer saber como eu estava. Era muita coincidência ela me ligar naquele momento. Não tinha como ela saber de meu desespero na noite anterior.

Conversamos quase uma hora no telefone. Falamos de tudo. De mim, de Janaína, dos bruxismos que ela tinha quando dormia, da saúde de minha mãe, e outros assuntos que simplesmente apareciam no meio da conversa. Foi um papo muito fluído, natural e foi muito bom, sem julgamentos, nem rótulos.

Eu desliguei o celular em êxtase, pensando "eu não estou sozinho. Tem gente aqui comigo que eu não posso ver, vendo o que estou

passando, e essa gente aqui se comunica com gente de verdade que está ali, e essa gente dali está perto de mim, mesmo sem me ligar, mesmo distante no tempo e no espaço físico”.

Tinha plena consciência de que as coisas não poderiam continuar como estavam. Embora eu soubesse que já tinha me suicidado diversas vezes, eu não poderia fazer isso desse jeito, com minha alma, com essas pessoas que me amavam, e principalmente com a Samanta.

De certa forma, a maioria das vezes que eu desisti de outras vidas foi até bom. Cada renúncia que eu fiz, cada tombo, cada recomeço ou a decisão de não recomeçar, nem sempre foi ruim, mas embora a maioria das vezes tenha sido bom, agora, pensar em não levantar, não era uma opção. Eu precisava fazer alguma coisa, por mim, pela Samanta, pelas pessoas que se importavam, ainda que fossem poucas, e principalmente por serem poucas. Eu não podia decepcioná-las. Eu era muito orgulhoso para isso.

— — —

Era feriado de sete de setembro, Dia da Independência. Aquele clima de domingo errado pairava no ar, e eu, perturbado, incomodado, desesperado, apenas tomei um café forte, coloquei umas torradas em um saquinho plástico e um potinho de manteiga numa bolsa térmica, enchi um pote vazio de sorvete com ração, um garrafão de água, coloquei a Samanta no carro e sai. Simplesmente sai, sem pensar, sem planejar, sem destino nenhum. Sem saber para onde ia.

Peguei a estrada meio perdido, no sentido oposto da casa de meus pais, pela rodovia Anhanguera, indo para Uberaba. Um caminho que eu não conhecia muito bem. Saí da rodovia em um desvio qualquer, sem olhar placas nem quilometragens. A única coisa que eu me atentava era no combustível e na Samanta pelo retrovisor, no banco de trás.

Ela dormia a maior parte do tempo, às vezes acordava e me olhava como quem pergunta algo. Às vezes eu inventava essa pergunta, respondia ‘ok’, e parava para um xixi ou para lhe dar um pouco de água.

Por volta das 15h, eu avistei um morro do lado oposto da pista, e novamente sem pensar muito, atravessei e peguei uma estrada de terra esburacada que subia até seu cume. Quando a subida terminou, enfiei o carro no que parecia uma plantação de cana, e parei para comer alguma coisa.

Descemos, coloquei a ração para Samanta, mordi algumas torradas, bebi água e resolvi pegar o celular para ver onde estava.

Só havia uma mensagem de minha mãe ali, que preferi não responder. Ninguém mais além dela sentia minha falta. Mesmo porque, já fazia um bom tempo que eu não procurava ninguém além de Sarah que me trocou pelo seu "namorado que não gostava de mim".

Eu não sei ao certo se era um raciocínio correto. Se esse pensamento faz sentido. Mas era a justificativa que eu me dava para ninguém me procurar. Embora seja bem paradoxal você ter que procurar alguém para ser procurado. Enfim, naquele momento, eu queria um pouco de atenção de alguém que não fosse minha mãe, mas ao mesmo tempo, ficava aliviado de não ter que explicar para ninguém a minha fuga insólita.

Eu estava em uma cidadezinha mineira, não tão próximo de Araxá, mas na tela do GPS já aparecia a cidade onde morava um amigo de faculdade que eu não via há muito tempo. Aproveitei o sinal e liguei para ele. Sempre piadista, com o sotaque mineiro arrastado, perguntou se eu estava louco e me xingou com sarcasmo: "seu idiota, como você vem assim sem avisar? Eu não estou em Araxá..."

Pensei um pouco e lembrei de outra amiga que também morava lá. Liguei diversas vezes em um número antigo que eu tinha, e só dava caixa postal.

Era mais próximo ir até lá do que voltar, então eu continuei seguindo, na esperança daquele número ainda ser dela, e ela ver as ligações e me retornar a tempo. Ainda estava um pouco longe, a estrada era bem ruim, e eu fui tranquilo, devagar, parando em cada lugar que achava bonito, ou a cada vez que imaginava que Samanta estava pedindo para eu parar.

Quando cheguei na cidade, o sol já estava se pondo. Ainda sem respostas, sem fôlego para fazer o caminho de volta, comecei a

procurar um lugar para ficar. Percebi que era total insanidade e irresponsabilidade minha querer gastar dinheiro com um hotel.

Tentei ligar mais algumas vezes para minha amiga, também cacei um ponto de wifi para buscar o contato atual dela ou de uns primos meus de outra cidade ali das redondezas. Num posto me deixaram usar a internet, mas não tive sucesso em minhas buscas.

Decidi seguir meu caminho de volta. Já era mais de 18h, o céu estava um roxo escuro manchado, como se a tinta azul da noite se misturasse ao rosado do pôr do sol. Eu estava cansado, e Samanta mais ainda. Ela me olhava com um olhar baixo, de súplica, parecendo implorar para sair de vez daquele carro. Afinal, foi o dia inteiro deitada no banco de trás.

Avistei um lugar muito iluminado, cheio de luzes em sequência na lateral da pista, e resolvi verificar o que era e se haveria algum ponto para eu estacionar com segurança e dormir. Era um retiro espiritual onde haviam muitos carros estacionados. Estava tendo um evento de psicografias. Havia um segurança no portão que me contou que as pessoas enviam cartas com os nomes de seus entes, e na data do evento iam até lá na esperança de que eles fizessem contato. Também me disse que não tinha autorização para me deixar entrar, e passou um rádio para seu superior que logo veio até mim.

Desci do carro e ele me explicou o que era aquele lugar. Disse que haviam muitos cachorros de rua resgatados ali e por isso, Samanta não poderia entrar, mas autorizou que ficássemos no estacionamento para dormir. Disse também que depois da sessão de psicografias, haveria um jantar, e eu estava convidado a me juntar a eles.

Só depois de ter feito o convite, quis saber mais sobre mim. Como se não importasse quem eu fosse, acreditando cegamente na providência de eu ter parado ali. Eu contei que estava andando a esmo para fugir de pensamentos ruins e ele confirmou que nada era por acaso e haveria um motivo bem forte para eu estar onde estava. Eu concordei, mesmo sem ter muita opinião formada sobre aquilo.

Samanta desceu do carro, deu uma voltinha pelo estacionamento, farejando, reconhecendo tudo e parou, se sentou e ficou olhando fixamente para a enorme tenda onde estavam havendo as psicografias. A tenda era fechada, nada se via além da lona branca, nem se ouvia, todas as pessoas estavam em silêncio, talvez

esperando as cartas serem psicografadas, mas parecia que Samanta ouvia e via algo por lá.

Chamou muito a atenção minha e do segurança, que se aproximou e ficou conversando comigo durante toda a noite. Conversamos sobre um monte de coisas, inclusive sobre o término de meu namoro e como toda hora eu me pegava falando dela para qualquer pessoa, querendo um aval de inocência, um voto de confiança que diminuísse minha dor.

O jantar enfim foi servido, Samanta ficou com ele esperando do lado de fora. Quando voltei, esperei os visitantes irem embora e posicionei o carro no lugar sugerido pelo gerente, onde teria uma sombra pela manhã. Nós estávamos tão cansados que os bancos rebaixados do carro foram confortáveis o bastante para pegarmos no sono tão logo deitamos.

Meu sono foi leve e desperto por estar dormindo dentro do carro, mesmo assim, eu sonhei. Sonhei muito com um monte de coisas, mas todos esses sonhos, em alguns momentos se fundiam em pensamentos acordados, embaralhados que não pareciam ser meus. Respostas para perguntas que eu nunca havia feito, mas sobre questões que eu deveria ter dado mais atenção em minha vida.

Talvez alguém ali estava de fato falando comigo, já que o lugar era um centro de comunicação com outras dimensões. Alguém me dizia que eu precisava prestar atenção aos meus padrões de relacionamentos, e me explicava porquê eu os tinha, me lembrando de toda minha história, da separação de meus pais, de meus traumas de infância, meus orgulhos, sentimento de abandono por tudo o que tinha passado quando criança.

Eu acordei no dia seguinte descansado, lembrando de absolutamente tudo de maneira organizada, diferente de um sonho qualquer, e com uma vontade enorme de ligar para Janaína para dizer que eu agora entendia o porquê tinha feito tudo o que fiz, ou acreditava ter feito.

Tomei um café da manhã com eles, e peguei a estrada de volta para casa, mas não pelo caminho convencional. Tracei uma reta e segui me enfiando em todo lugar que achava ser um atalho. Estradas de terra, com muita areia fofa, no clima seco do final de inverno. Entrava no meio do mato, e encontrava lugares incríveis que me

distraíam do medo de atolar ou de qualquer outro perigo que pudesse haver por ali.

Parei o carro em um trecho com menos areia, para ter segurança que conseguiria sair depois. Sob a sombra de uma árvore, descemos e pude ouvir barulho de água. Caminhei de volta uns 20 metros, até uma ponte antiga de madeira por onde havia acabado de passar. O lugar era lindo, com vegetação fechada, cheia de cores e cheiros. Borboletas voavam contornando os feixes de luz do sol matinal que penetravam as folhagens densas das árvores, e Samanta andava de um lado para o outro, farejando cada pedacinho daquela mata.

Mesmo sem sinal de celular, gravei uma mensagem para Janaína, relatando tudo o que tinha acontecido naquelas últimas vinte e quatro horas, falando de todas as respostas que eu recebi em sonho e dizendo o quanto eu estava me sentindo em paz.

Quando eu finalizei a gravação, eu olhei para aquele pequeno riacho abaixo da ponte e comecei a chorar. Chorei muito, de soluçar, pensando em toda a minha vida, em todos os acontecimentos que me fizeram sofrer e me transformar na pessoa que eu era. Minhas lágrimas caíam no riacho e iam embora, levando todo sentimento ruim de toda essa vida, principalmente as ideias controversas de noites atrás.

Me dava mais vergonha ainda ter pensado em tudo aquilo, mas eu conseguia enfim compreender meu caminho até ali e agora, tinha a noção de que só dependia de mim a decisão de querer continuar com aqueles padrões, ou mudar totalmente o rumo de minha vida. Eu precisava me reencontrar, lembrar de quem eu era, da força que tive para conquistar tudo o que já tive e entender porquê eu sempre fazia de tudo para perder.

Durante o caminho de volta, eu comecei a perceber que de fato eu não tinha feito nada do que era acusado para o término de meu namoro. A mensagem de áudio já havia sido enviada com o '*mea culpa*', e não tinha mais volta. Mas com a paz que eu sentia, eu não me importava com isso, eu não tinha aquela culpa toda e nenhuma outra culpa. Eu não tinha o porquê me desculpar tanto, mas não me importava por ter me desculpado.

Me lembrei de uma ocasião, em março do mesmo ano, que Janaína teve férias e queria viajar. Eu, sem dinheiro, sem trabalhos nem

condição psicológica, neguei e então ela foi sozinha. Talvez isso foi o início de todo o fim de nosso namoro. Ela foi para Ubatuba, subindo o litoral até Parati, duas cidades que eu sempre gostei. Foi de carro, e me causou inveja e raiva por não poder ter ido.

Na ocasião, eu tive mais raiva de mim de estar sem dinheiro, do que dela por não ter sido parceira. Eu a lembrava com tom de ameaça que eu era autônomo, e que assim que tivesse dinheiro para viajar, eu viajaria com a Samanta, não me importando em deixá-la para trás caso ela não estivesse de férias. Mesmo sabendo que jamais faria isso com ela, e ela também sabia, pois ridicularizou minha ideia.

Enfim, naquele momento, eu acreditava conseguir enxergar e reconhecer a lógica de minhas mágoas e o tanto exato de culpa que eu tinha. Conseguia me livrar das acusações infundadas e me absolver dos crimes que realmente cometi, evidenciando a minha própria defesa para me inocentar. Eu nunca fui de baixar a cabeça. Deveria lembrar de minhas forças e me levantar.

— — —

Quase dois meses depois, bem, mas sem notícia nenhuma de Janaína, não estava tendo muito humor nem motivação para trabalhar. Tinha esperança de existir alguma coisa qualquer que pudesse reconquistá-la. Um passeio, um jantar, uma viagem, um encontro inusitado. Pensava num roteiro, Parati, Visconde de Mauá, Beto Carreiro e até Disney. Eu me sacrificaria ainda mais e jogaria em meu cartão de crédito uma viagem a Disney em promoção que me chegou por e-mail. "Melhor não", me vinha a cabeça, me fazendo suspirar.

Eu precisava me livrar disso. As coisas estavam acontecendo. Assim como Tatiane, outras pessoas antigas e algumas novas surgiam, para falar coisas que nem imaginavam o quanto eram importante para eu ouvir. E então ao mexer numas anotações antigas, encontrei uma frase escrita por mim mesmo num canto de uma folha: "*anjos usam amigos para lhe dizer o que, em intuição você não acreditaria*".

Então resolvi dar um basta e considerar o que tanto me diziam, varrer os cacos de meu relacionamento, dar um ponto final em minhas esperanças e seguir em frente.

Enfim tirei as fotos dela dos porta-retratos, peguei algumas peças de roupa que ela esqueceu na gaveta, juntei com alguns doces de Halloween que haviam sobrado, escrevi uma carta e fiz um pacotinho bonitinho para deixar na recepção de seu prédio:

— — —

“Tudo está muito claro para mim, Jana. E como o Universo é vivo e se transforma o tempo todo, pode ser que a gente nunca mais volte a ficar juntos como um casal. Eu tenho certeza que o que tiver que acontecer, vai acontecer de forma leve, sem esse peso que estamos passando agora. Eu tenho certeza que logo você vai enxergar um monte de coisas que eu enxerguei e vai ver o quanto foi bom estarmos juntos de um jeito ou de outro. O quanto o Universo planejou para a gente ser o que foi.

Você não nasceu nesses astros, nesse signo, com essas características e esses aspectos à toa. Não carrega tudo isso à toa. Sua personalidade, traumas e costumes te trouxeram até mim. Faz tudo parte de um plano muito bem traçado.

O que eu lhe digo, e que é importante você saber: Você precisa quebrar um pouco sua estrutura rígida demais. Pois dois lados de você brigam constantemente: o lado que você estuda com o lado que você intui.

Suas intuições sempre vão de encontro com o que você conhece no sentido de conhecimento acadêmico. E pela sua formação, você valoriza muito o seu conhecimento acadêmico, e acaba deixando de lado a sua parte espiritual e intuitiva que é tão forte. Por isso você se fragiliza, pois você fica em duas metades. Suas dúvidas viram medos e você prefere se prender no que leu nos livros, só para ter uma base onde se apoiar. Te deixa mais segura assim.

Acredite em sua intuição pura. Acredite no seu poder psíquico e espiritual, e saiba que você é dona disso tudo. Você comanda esse barco. Não precisa pular dele, pois é bem pior boiar a deriva no mar sem saber onde vai parar ou o que vem em seguida. Segure o leme de sua vida. Seja feliz.

Eu te amo”

Eu nem sabia direito o porquê tinha escrito aquilo. Era como se parte disso tudo tivesse sido ditado a mim, para mim, mais do que a ela. Enfim, fechei o envelope e fui até o prédio onde ela morava. Ao chegar, o porteiro me informou que ela havia acabado de sair para correr no parque em frente, e que se eu me apressasse, poderia encontrá-la para entregar pessoalmente se quisesse.

Aceitei a sugestão e ao sair do prédio dei de cara com ela, que por algum motivo estava voltando. Assustada, pega de surpresa, deu um sorriso tímido, sem graça. Fazia dois meses que não nos víamos pessoalmente. Fomos até o parque, sentamos em um banco, ela agradeceu os doces, mas deixou para ler a carta depois. Já eu, não conseguia parar de falar. Reafirmei todas as minhas descobertas, contei sobre a viagem, pedi desculpas de novo, me arrependi de pedir desculpas, e falava sem parar até que fui interrompido...

Ela colocou a mão em meu rosto em um gesto de carinho, levantou meu queixo e disse algo que eu não me lembro muito bem, mas foi tipo “você é lindo, é incrível e especial, e eu te desejo toda sorte do mundo para conquistar tudo o que almeja.”

Parece que o mundo parou naquele instante. Em três anos de relacionamento, eu não me lembrava de um momento sequer de apoio e elogio como aquele. Eu não consegui me conter e comecei a chorar. Ela enxugou minhas lágrimas e me abraçou por todo o tempo que eu consegui segurá-la, até que a soltei, para que ela continuasse sua corrida, enquanto eu ia embora, sem olhar para trás...

